

Identidade Na Carne: Uma Trama de Crônicas e Tatuagens ¹

Letícia Baialardi GALVÃO ²

Rayssa Adorno LANDE ³

Alfredo José LOPES COSTA⁴

Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Araguaia, Barra do Garças (MT)

RESUMO

Em virtude da cultura do corpo e, conseqüentemente, da obsessão por um “corpo perfeito” muitas pessoas passaram a se submeter a métodos de modificações corporais. Uma dessas mudanças corporais adotadas é a tatuagem. Apesar do preconceito ainda existente, devido à imagem satânica e marginal atribuída na Idade Média, hoje é notável o aumento do número de pessoas que marcam sua derme com pigmentação. Como o desenho escolhido pelo tatuado geralmente não é algo aleatório, pelo fato de representar parte do seu “eu estendido”, surgiram estudos em áreas como sociologia e antropologia, que não enxergam a tatuagem como simples símbolo estético, mas sim uma forma de expressão da identidade. Por isso optamos por elaborar um livro reportagem, utilizando o estilo da crônica para descrever essa expressão do mundo interior do indivíduo por meio da marca em sua pele.

PALAVRAS-CHAVE: Tatuagem; identidade; modificações corporais; crônica; jornalismo literário.

1 INTRODUÇÃO

Body Modification é um termo utilizado para designar uma arte que tem como objetivo a mudança corporal. Segundo Manguinho (2012, p. 26), as modificações corporais seriam “um corpo in-disciplinado, in-dócil, visível, doloroso, no qual o sujeito rompe com os valores sociais vinculados a um corpo ideal”. Não se sabe ao certo quando surgiu, mas há indícios de vários tipos de modificações corporais desde a Antiguidade. Uma das técnicas mais conhecidas é a das mulheres *paudang*, que, em sinal de beleza, usam colares de bronze no pescoço e quanto mais alto for o pescoço, mais bonita a mulher é considerada. Algumas tribos do Egito faziam perfurações em sinal de nobreza, o que hoje são conhecidos como *piercings*. Nativos americanos também utilizavam suspensões corporais como parte de rituais espirituais, o que hoje, entre os adeptos do *body modification*, tem se tornado cada vez mais comum. Certo é que, ao longo do tempo, as sociedades utilizaram diferentes

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

² Aluna líder do grupo e recém-graduada do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da UFMT – Campus Araguaia, email: lbaialardi@gmail.com

³ Recém-graduada do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da UFMT – Campus Araguaia, email: rayssaland@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Ex-professor do Curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo da UFMT – Campus Araguaia (atualmente professor do curso de Jornalismo da FIC //UFG), jornalista, mestre em Administração Estratégica, membro do Grupo de Pesquisas em Ciberjornalismo da UFMS (Ciberjor), email: alfredocosta.ufg@gmail.com.

técnicas para modificarem os corpos dos seus integrantes e elas podem ser reutilizadas em variados contextos.

Atualmente, uma das práticas de *body modification* facilmente encontrada é a tatuagem. Como afirma RIO (1951, pp. 43-44), “muitos dizem mesmo que palavra surgiu do ruído perceptível da agulha na pele: tac, tac. Mas como ela é antiga! O primeiro homem, de certo, ao perder o pêlo, descobriu a tatuagem”. Não se sabe ao certo quando a tatuagem surgiu, mas há indícios de que elas eram utilizadas em rituais espirituais no Antigo Egito. Em 1981 foram encontrados restos da Múmia Amunet em Tebas. Em seu abdômen, pernas e braços existiam linhas e traços que se acredita simbolizar rituais de fertilidade. Os havaianos, maoris, celtas, entre outras civilizações, costumavam desenhar em seus corpos tatuagens tribais, que na maioria das vezes representavam a sua posição social (RIO, 1951).

Na sociedade atual, o preconceito com as tatuagens ainda é evidente, devido, em parte, à Igreja Católica, na Idade Média, tê-las tachado como diabólicas (RODRIGUES, 2006), e por essa prática também ser comum nas cadeias, pois os presos costumavam cobrir suas cicatrizes com tatuagens. O desenho identificava o tipo de crime que o presidiário cometeu (SILVA, 2010). Outro aspecto relevante é que por causa da grande quantidade de doenças que podem ser transmitidas com o uso das agulhas, o preconceito acabou se deslocando para a preocupação com as doenças infectocontagiosas. Porém, mesmo com todos os receios em relação à tatuagem, é possível notar o aumento do número de pessoas adeptas da arte por motivos variados.

Apesar dos preconceitos, a tatuagem avança. Em parte, em decorrência da cultura do corpo, que impõe um modelo de beleza, de práticas de modificações corporais e conseqüentemente de tatuagens. Elas passam a serem vistas não somente como forma de autonomia do corpo, mas também como uma maneira de embelezamento.

A união dessa cultura do corpo, desse individualismo exacerbado, à busca pela compreensão do outro, impulsionou o homem atual a perseguir um ideal de beleza (especialmente o sexo feminino). Homens e mulheres buscam, cada vez mais, trabalhar o corpo, moldá-lo aos padrões vigentes, com ginástica, *body building*, cirurgias plásticas, regimes. Tudo é permitido em função do bem estar físico e mental. A tolerância que se observa em decorrência desse maior diálogo e maior compreensão com outro, permite, também, que formas mais radicais de intervenções em busca de um corpo ideal sejam socialmente aceitas: modificações no corpo, tatuagens, próteses de silicone em várias partes do corpo (BARROS E WAECHTER, p. 3). Em decorrência desse salto na aceitação social da tatuagem, foram surgindo estudos na área das ciências sociais que não enxergam a tatuagem somente como uma forma estética, mas também como um dos

elementos que constroem a identidade de um sujeito. A escolha de um desenho e a submissão ao procedimento não pode se resumir a algo aleatório, ele expressa o “eu interno” do indivíduo. Por meio da tatuagem que a pessoa procura mostrar o seu interior para o mundo, PÉREZ (2006, p. 185) afirma que “a imagem, como representação da ‘ideia’, é relevante não exatamente por seu conteúdo particular, mas pelo que ela é capaz de dizer do sujeito, do seu interior”. Os indivíduos não escolhem aleatoriamente um desenho para marcar em sua pele. O significado da tatuagem revela elementos que compõem a identidade daquela pessoa (PÉREZ, 2006).

Por isso, este livro-reportagem busca mostrar a importância da tatuagem na vida de algumas pessoas que aderiram à arte. Esta trama de perfis e tatuagens, tenta revelar as várias formas de expressão do “eu interior” de pessoas que optaram por se tatuar, identificando quais elementos ajudam na construção da identidade. Utilizando técnicas de reportagem e entrevista, planejamento gráfico e jornalismo literário, o livro-reportagem constituiu trabalho final de graduação do curso de Jornalismo, sob a forma de crônicas, que permite estilo leve, livre e solto, sobre um tema carregado de peso, pecado e culpa. Ao final seis crônicas registram sentimentos a respeito do ciclo de vida de qualquer um de nós: nascimento, morte, amor e ódio.

2 OBJETIVO

Este trabalho tem a finalidade de entender como as práticas de tatuagem contribuem para a construção da identidade das pessoas, verificando, por meio do desenho escolhido pelo entrevistado, se há a expressão do “eu interno” do indivíduo, investigando se a tatuagem é somente um dos vários procedimentos estéticos ou se realmente existe uma representação de identidade por meio dela. E por fim, com as crônicas, pretendemos auxiliar na quebra do estigma da tatuagem como algo satânico ou marginal. Cada história tem como ponto de partida alguma tatuagem que cobre parte do corpo de pessoas comuns. Em vez de bruxas, feiticeiros e malditos, as histórias revelam pessoas comuns ilustradas.

3 JUSTIFICATIVA

Com a Cultura do Corpo, que surgiu no século XX e se estende até hoje, as pessoas buscam, ao máximo, se igualar ao padrão de beleza estereotipado por propagandas publicitárias filmes e novelas. Essa obsessão por um corpo “perfeito” faz com que os indivíduos se submetam a qualquer tipo de modificação corporal, inclusive dietas que

comprometem a saúde humana, o que pode desencadear sérias doenças, como por exemplo a bulimia e a anorexia.

Por outro lado, a busca do padrão idealizado envolve vários tipos de transformações corporais, que podem resistir aos padrões definidos pelas mídias de massa. Entre eles, a tatuagem vem se destacando e ganhando cada vez mais um espaço notório na sociedade atual.

O significado da tatuagem vem se modificando ao longo do tempo. Na Idade Média a Igreja Católica proibiu as tatuagens e qualquer pessoa que tivesse o corpo marcado era levada diretamente para a fogueira, o que fez com que a tatuagem ficasse conhecida como um ato satânico. Os presos costumavam se tatuar, e por isto o sentido da tatuagem passa a ser visto como uma atitude marginal, praticada por bandidos. Nos anos 80, os *punks* e *hippies* aderiram à prática, fazendo com que a tatuagem fosse um símbolo de rebeldia contra o sistema social daquela época. Mais tarde, o medo de ser contagiado com o vírus da AIDS pelas agulhas fez com que a sociedade se sentisse receosa em relação à tatuagem, o que exigiu dos estúdios maior cuidado em relação à higiene.

Depois de várias transformações no significado da tatuagem, atualmente ela ganha novo sentido. É vista como mais uma das inúmeras formas de aderência à Cultura do Corpo. A tatuagem passa a ser considerada símbolo estético. Como exemplo, temos as maquiagens definitivas, que são pigmentações feita na derme, na maioria das vezes, na sobrancelha, como forma de camuflar a falta de pelos.

Em decorrência desse salto na aceitação social da tatuagem foram surgindo estudos na área das ciências sociais que não enxergam a tatuagem somente como forma estética, mas também como um dos elementos que constroem a identidade de um indivíduo. A escolha de um desenho não é feita aleatoriamente; é preciso que expresse o “eu interno” do indivíduo. É por meio da tatuagem que a pessoa vai mostrar seu interior para o mundo, sendo o tatuador a pessoa responsável por traduzir esse mundo interno por meio da pele.

Contar sobre os motivos que levam as pessoas a escolherem determinado desenho é de extrema importância para se entender a subjetividade deste indivíduo. Já que cada tatuagem tem um valor especial e um significado. A coletânea de perfis, de maneira detalhada, criativa, e não tão formal, tentará contar ao máximo essa história, mostrando a personalidade, os sentimentos e os itens que ajudam a construir esta identidade. Verificando, também, se não há um elemento em comum em todos os casos estudados.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Depois de o tema ser escolhido, o primeiro passo foi buscar referências teóricas para descobrir o que já foi estudado sobre a tatuagem com relação à identidade, tendo assim a base para o projeto. Outro ponto é a questão da crônica. A crônica foi escolhida para retratar, de maneira simples, mas bastante informativa, a representação do significado de cada tatuagem. Quanto à escolha das personagens, a preferência foi por entrevistar pessoas mais próximas, com quem já tivéssemos afinidade, mas cuidando ao máximo para não sobrepor o relacionamento à pesquisa.

A base para as entrevistas foram as pautas, que foram feitas com antecedência, permitindo que conhecêssemos as pessoas melhor e entendêssemos a importância e o significado da tatuagem para aqueles indivíduos, assim como a maneira que ela transparece o seu “eu interior”. Foram também elaboradas declarações sobre a aceitação voluntária para participar da pesquisa, assim como para a gravação das conversas. Estes documentos foram guardados em pastas e arquivos no computador

As crônicas foram reunidas em um livro do tamanho 20x25 contendo fotos e desenhos. Para a diagramação, foram usados os programas In Design, Phothoshop e Corel Draw. Finalmente, para divulgação do livro, criamos o blog identidadenacarne.blogspot.com, com informações sobre o trabalho.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Para escrevermos as crônicas elaboramos uma seleção de seis histórias a partir das entrevistas realizadas. O único critério para a escolha das fontes era que a tatuagem não fosse somente símbolo estético, mas que apresentasse um significado por trás do desenho: deveria contar sobre a personalidade ou sobre uma experiência vivenciada pelo tatuado. Depois da escolha das fontes, o próximo passo foi marcar as entrevistas. Como o diálogo exigia detalhes e observações, optamos por marcar a entrevista com pelo menos uma semana de antecedência.

Durante as entrevistas utilizamos uma “pauta-base” com quatro perguntas-chave: 1) Por que você escolheu este desenho? 2) Quando você fez? 3) O que ele significa para você? 4) O que tem de você nesta tatuagem? As demais perguntas foram baseadas na pesquisa que fizemos antes das entrevistas e no decorrer da conversa, de acordo como que o próprio entrevistado contava.

Escolhemos entrevistar as pessoas primeiramente em suas próprias residências, pois “o território do entrevistado é sempre preferível. Deixa a fonte mais

confiante e mais à vontade” (OYAMA, 2008, p. 10), além de a decoração e objetos pessoais como livros poderem dizer mais sobre a pessoa e auxiliar no decorrer da entrevista. Quando não era possível, preferíamos os escritórios “por terem vantagens parecidas com aquelas que casas oferecem: o entrevistado fica mais confiante, já que está em território próprio e o ambiente pode ajudar o repórter a entender melhor o personagem ou inspirar perguntas” (OYAMA, 2008, p. 12).

Fizemos uma pesquisa sobre os entrevistados, por intermédio de redes sociais, parentes e amigos próximos. Investigar é um dos princípios do jornalismo, é o ponto de partida para desenvolver uma boa entrevista, e, como afirma Oyama (2008, p.14), “A pesquisa serve para conhecer o entrevistado e seu trabalho e, a partir daí, elaborar uma pauta interessante”.

Optamos por gravar as conversas nos celulares e em gravadores, para que pudessemos ouvir várias vezes e reparar bem na entonação das vozes. Além disso, nas entrevistas, fizemos anotações sobre alguns principais aspectos da conversa.

A primeira crônica conta a história de Pedro Otávio, que homenageou o filho, tatuando o nome deste no antebraço esquerdo. Para essa entrevista utilizamos o método etnográfico, já que uma de nós acompanhava a vida dele diariamente, há três anos, desde antes de o bebê nascer. Também fizemos uma entrevista pessoalmente com o personagem, em seu escritório. Tendo como base as observações, junto com o ponto de vista do personagem, escrevemos a crônica.

A segunda história é sobre Roberta, uma médica que foi casada por dez anos e depois de uma traição do marido se divorciou. A separação, acrescentada de um acidente de carro que acarretou várias cirurgias no braço, deu início a uma depressão. Depois de dois anos, ela descobriu, na caridade a forma de amor mais puro, decidindo tatuar um coração no pulso esquerdo, ao lado da cicatriz do acidente. Ela ressaltou que, depois de muito sofrimento, alcançou o amor novamente, porém de outra maneira. Essa entrevista foi a mais longa de todas as seis: ficamos com a entrevistada por cerca de três horas. Apesar de não convivermos diariamente com ela, a conversa resultou em detalhes riquíssimos. Também nessa entrevista, enquanto uma direcionava as perguntas, outra observava as reações, movimentos, expressões, gestos e entonações.

A terceira crônica fala sobre a vida e personalidade de Louise. Ela tem duas tatuagens, ambas há mais de cinco anos. A mais antiga são duas cerejas no tornozelo, simbolizando um traço notável de sua personalidade: a feminilidade. E a outra, “harmonia”

em japonês, na nuca, significa a forma que ela gosta de levar a vida, cumprindo suas obrigações de forma equilibrada. Para escrever o texto, uma de nós acompanhou sua rotina no período de 10 a 20 de abril de 2014, desde o momento em que ela acordava até a hora de dormir. Foram feitas duas entrevistas. A primeira, pessoalmente, em sua residência e a segunda, como estávamos em cidades distantes entre si, foi feita via skype, para sanar dúvidas que surgiram durante a produção da história.

O quarto texto fala sobre a experiência vivida por Allan Carlos. Durante uma festa de carnaval, no meio de um tiroteio, ele e quatro amigos foram confundidos por policiais como parceiros dos bandidos. Na confusão um policial apontou a arma para sua cabeça, e, felizmente, as balas tinham acabado. Depois de um mês, o personagem fez uma tatuagem representando o seu “novo nascimento”. Com esta pessoa, foi feita somente uma entrevista, que durou uma hora. O encontro foi marcado na casa de sua namorada, e foi utilizado o mesmo método da conversa com Roberta: Enquanto uma desenvolvia a entrevista, outra observava reações corporais.

A penúltima crônica foi inspirada na história de Tuili, entrevistada em seu ambiente de trabalho. Porém, já conhecíamos alguns hábitos e gostos da entrevistada, o que ajudou a contar sua história. Começamos questionando sobre sua família, o número de tatuagens que ela tinha, com qual idade ela fez a sua primeira, entre outras perguntas. A entrevistada foi escolhida por uma foto que postou como capa de seu perfil na rede social facebook, em que ela e a família tinham registrado em seus corpos o amor que sentiam um pelo outro. Entramos em contato posteriormente via e-mail para que pudéssemos tirar algumas dúvidas, e também para questionarmos sobre a tatuagem feita para os filhos.

A última crônica relata a história de uma garota, que, aos 18 anos, após descobrir que estava grávida, é jogada contra o espelho pelo namorado e acaba perdendo a criança. Como forma de homenagear a filha, ela tatuou uma borboleta-caveira no antebraço direito: o inseto simboliza a menina e caveira a morte. Esta entrevista foi feita inteiramente via Skype, e apesar da conexão não ser perfeita, conseguimos observar bem as reações corporais da entrevistada. A garota pediu que não fosse identificada: por isso, todos os nomes citados nesse texto são fictícios.

Após a finalização das crônicas, iniciamos o processo de diagramação do livro. Optamos pelo tamanho 20x25 cm, por ser tamanho mediano. Por terem sido escritas seis crônicas, optamos por elaborar cada uma como um capítulo do livro. Quanto à diagramação em si, pretendíamos construir algo sofisticado e ao mesmo tempo dinâmico.

A capa foi elaborada de forma criativa, com o objetivo de ser leve e ao mesmo tempo acompanhar a sofisticação da diagramação. Optamos por colocar a digital para ressaltar a identidade, na cor cinza, para confundir com o fundo preto. O título foi escrito na cor vermelha para remeter ao sangue-tatuagem e ocasionar o contraste na página.

As páginas dos capítulos foram elaboradas na cor preta, remetendo à sofisticação, e também para fazer referência ao conceito *punk*, ao qual a tatuagem já foi associada. Os títulos e subtítulos foram escritos em branco para contrastar com a cor da página. Para que a diagramação não ficasse cansativa por conta dos textos, decidimos distribuí-los em colunas. Além disso, utilizamos olhos.

Optamos por colocar a foto na parte superior da página para diminuir a tensão: em virtude disso, escolhemos os tamanhos de fonte 20 para o título e 14 para o subtítulo, de modo que houvesse equilíbrio na página. Criamos uma linha colorida, de 1,5 pt, para quebrar a monotonia da página. Em cada capítulo essa linha muda de cor e todas as cores estão associadas à história da pessoa. O azul bebê, ao filho de Pedro; o vermelho, ao amor de Roberta; o rosa claro, à feminilidade de Louise; o verde, à fé de Allan; o roxo, à ligação de Tuili com a astrologia e o laranja, porque a criança, mesmo que por um pequeno tempo, foi a fonte de energia de “Marina”.

Quanto às fotos, uma foi tirada por uma fotógrafa profissional (Fernanda Coelho), três são de arquivos pessoais e duas foram feitas por nós. Acrescentamos desenhos dos entrevistados para quebrar a mesmice de “texto e foto”. Por meio dos desenhos, tentamos representar o valor das tatuagens: Pedro e seu filho brincando alegres; os cachorros e o estetoscópio de Roberta, simbolizando algumas das paixões que a fizeram passar pela fase difícil; Louise, de vestido, estendendo roupas junto com sua filha, representando o desempenho de suas diversas tarefas, sem perder a feminilidade; as balas perdidas, remetendo à tatuagem de Allan; Tuili mostrando suas tatuagens mais significativas; o balão de pensamento em volta da garota brincando com a bebê, mostrando o sonho de “Marina” de ser mãe.

Escolhemos o tamanho 14 para a fonte, para que ficasse mais agradável. Além disto, optamos pela letra “Maiandra GD” porque, segundo Willians (2005, p. 84), “sua invisibilidade é exatamente o que faz com que os tipos em estilo antigo formem o melhor grupo de tipos para grandes extensões de texto corrido”. Nas páginas dos capítulos escolhemos a fonte “Berlin Sans FB Demi”, que pertence à mesma família da “Maiandra GD”, criando um conflito, como diz Willians (2005, p. 78): “tem conflito quando se adotam

duas ou mais fontes similares na mesma página, mas que não são efetivamente diferentes ou iguais”.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao desenvolver o livro-reportagem utilizamos conhecimentos adquiridos no decorrer de todo o curso de Jornalismo, desde matérias do primeiro até o último, tais como Técnicas de reportagem e entrevista, Prática de leitura e produção de texto, Fotojornalismo, Planejamento gráfico, Criação visual, Teoria da comunicação e Ética jornalística. Essas disciplinas foram a base para todo o desenvolvimento do trabalho, pois por meio de suas teorias e exercícios práticos, conseguimos produzir o livro-reportagem.

No decorrer da pesquisa pudemos observar que as tatuagens e as modificações corporais estiveram sempre presentes na construção da identidade do indivíduo e da sociedade. Ainda hoje essas marcas têm características expressivas para os tatuados. Esses indivíduos buscam um meio de se individualizar, tatuando um desenho, símbolo ou frase no corpo para que ali se eternize um momento que foi significativo para eles, expresse algum sentimento ou para mostrar para os demais como eles se identificam.

O livro-reportagem sob a forma de crônicas teve o intuito de trazer um assunto cujo tema não tem grande veiculação na mídia, mas remete ao cotidiano de inúmeras pessoas. O desenvolvimento do livro conseguiu reportar crônicas únicas, mostrando assim que as tatuagens têm significados e ilustram histórias de vida. Cada história tem como ponto de partida alguma tatuagem que cobre parte do corpo de pessoas comuns. O trabalho resultou em um protótipo de um livro reportagem de caráter jornalismo literário, que, esperamos, possa contribuir para inspirar futuros projetos experimentais.

Por fim, chegamos à conclusão que a produção deste trabalho foi de grande importância para que colocássemos em prática tudo o que aprendemos durante a graduação, para que vivenciássemos a realidade do Jornalismo, como produzir pautas, elaborar e conduzir entrevistas, entender conceitos básicos de diagramação e produção de notícias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, S; WAECHTER, H. **Tatuagem e Construção de Identidade em Piriguetes**. In: 8 Colóquio de Moda - 5 edição Internacional, 2012, Rio de Janeiro. Anais do 8º. Colóquio de Moda. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/8-Coloquio-de-Moda_2012/GT03/ARTIGO-

[DE-GT/103598 Tatuagem e Construção de Identidade em Piriquetes.pdf](#). Acesso em 10.12.2014

MANGUINHO, J.; **Arte, prazer e bisturi: construção corporal através da body modification**. Natal. 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/12279/1/JulyanaVFM DISSERT.pdf>. Acesso em 10.12.2014

OYAMA, T. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo, 2008, Contexto.

PÉREZ, A.L. **A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade**. Rio de Janeiro. 2006.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132006000100007&script=sci_arttext. Acesso em 10.12.2014

RIO, J. do. Tatuadores. In: __. **A alma encantadora das ruas**. 9a. ed. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1951

RODRIGUES, A. **Tatuagens: Dor. Prazer. Moda. E muita vaidade**. 1a. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome: Mostarda Editora, 2006.